



**NO
NEU
POEMA**

Diz por aí, quem acredita, que foi Deus que criou o Homem.

E eu acredito.

Diz por aí, quem acredita, que Deus está no início de todas as coisas.

E eu acredito.

E acredito que não ficou por aí.

Ao debruçarmo-nos um pouco sobre a história da nossa fé, vemos que Deus não se ficou pelo princípio.

Deus faz história connosco do princípio ao fim.

Deus é na história connosco do princípio ao fim

Deus é Princípio e Fim.

Deus inicia o seu ato criador, mas vai-se revelando como compositor.

Neste poema que Deus vai compondo, vamos vendo a harmonia de um poema bem sonhado.

As rimas por vezes cruzadas, emparelhadas e interpoladas, mas sempre em comunhão com a mão do seu compositor.

Mas há outras mãos a colaborar neste poema. As do Homem.

E aí, surgem os versos em branco, os versos soltos que parecem não se conjugar com nada.

Mas Deus não abandona a sua obra.

Deus compõe. Como quem cria e recria.

É Deus quem, com o seu Espírito, vai deitar mão à sua obra

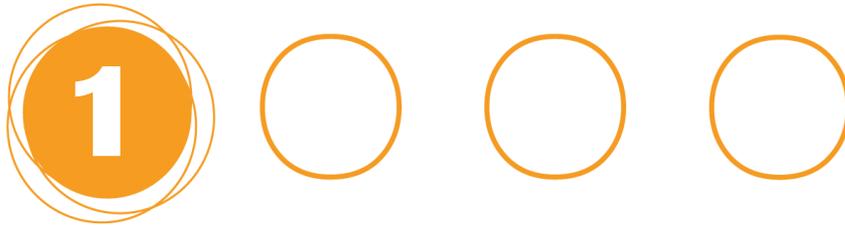
e conjugar o Verbo em todos os tempos, para que nada fique fora da sua graça.

Andreia Raquel Ferreira Gonçalves

SCALA - Curso de Aprofundamento da Fé

Ano II, Bloco III

2019/2020



«DEUS DISSE»

PRIMEIRO RELATO (GN 1- 2, 4A)

No princípio...

Assim se começa a contar a nossa história, na bíblia. Mais que isso, assim se começa a contar a história do autor da História. Mas esta é só uma expressão para nos deixar pendurados, para nos preparar para o que vem a seguir. E quase dá vontade de ficar parado na palavra seguinte: Deus. No princípio Deus. É-nos relevado o personagem principal, a pessoa em quem vai assentar a história que se segue. Deus-uma palavra quase tão gasta como as imagens que fazemos dele. O desafio, ao adentrarmos-nos nestas primeiras páginas, está em olhar pela primeira vez e tentar encontrar o encanto

que constitui o poema que nos é contado, ao mesmo tempo, sem bloquear as pontes que surgirão para outros pedaços da escritura.

No princípio Deus... A tentação de o imaginarmos sozinho é grande. Mas sabemos que não. Umhas quantas páginas à frente nesta história, o evangelista João vai-nos contar **(Jo 1, 1-3)**:

**«No princípio era o Verbo
e o Verbo estava com Deus
e o Verbo era Deus.**

**No princípio, ele estava com Deus.
Tudo foi feito por meio dele
e sem ele nada foi feito.»**

No Princípio, Deus e o Verbo. Mas voltando ao poema com se inicia o contar da história, podemos encontrar o

Espírito de Deus, a *ruah*, que agitava a superfície das águas. Deus não está sozinho. Não é sozinho. Não age sozinho. Deus e o Verbo estão no princípio. E não há Verbo, não há palavra sem Espírito, sem hálito a possibilitar que se fale, que se diga o que se tem a dizer. E começa a compor-se a criação. Já existem os elementos necessários para que ela aconteça: Deus-Criador, Deus-Palavra e Deus Espírito.

É pela palavra que Deus cria. Deus diz o que quer criar. Deus chama à criação. A palavra surge primeiro, surge antes das coisas criadas. «O fazer segue o dizer, pois Deus nada faz sem primeiro ter dito que o faria».¹ No primeiro relato da criação que nos aparece na bíblia, é-nos apresentado o dizer de Deus, no discurso direto (*wayyo'mer eloim*), por 10 vezes (**Gn 1, 3.6.9.11.14.20.24.26.28.29**). Também por 10 vezes nos aparece o fazer (*asah*), claro. Nada fica ao acaso, como não é por acaso este dizer em 10 vezes. Este 10 faz-nos rapidamente lembrar das 10 palavras (decálogo) com que Deus começou a criar o povo de Israel no Sinai (**Ex 20, 2-17**).

Quanta graça se encontra neste ato de criar. Não havia propriamente necessidade de Deus para nos criar. Pensar isso seria, à partida, identificar uma lacuna em Deus, admitir que algo lhe falta. O facto de Deus assumir um papel criador revela a imensa graça que dele transborda. Deus cria a natureza capaz de produzir. Abençoa os seres vivos para que cresçam e se multipliquem. A nós Deus chama a um compromisso de colaboração.

Deus cria-nos, mas não nos cria completamente feitos. Somos criados com uma infinidade de possibilidades. E Deus cria, não gera. Se fossemos gerados eramos da mesma natureza do gerador. Somos criados, não gerados. Ao contrário do que ouvimos na teologia sobre Jesus, o que é gerado e não criado. «Se as criaturas não brotam da substância de Deus por necessidade, então brotam do amor livre, bom e gratuito de Deus que as chamou à existência. Ser criatura significa ser não-Deus, mas dever a Deus a sua existência e ter de viver em permanente relação de dependência com Deus, pois a criatura não se basta a si mesma: recebe-se do criador.»² Esta relação entre criador e criatura implica um laço vital que ultrapassa o da geração. Isto é, para estarmos vivos neste dia, não é necessário que os nossos pais estejam vivos, ainda que tenham sido eles a gerar-nos. Contudo, é preciso que Deus nos mantenha vivos, nos crie e vele por nós a cada hoje. A criação pode, então, ser entendida como um ato de amor cheio de graça que se transforma num mandamento de amor cheio de graça (esta nunca falta) e exigência, para não desapontar a graça, para não ficar aquém das possibilidades com que fomos agraciados.

Ainda que possamos reconhecer que não é por necessidade que Deus cria, o texto do primeiro relato deixa transparecer um encanto da parte de Deus pela criação. A cada novo ato criador, Deus vê que tudo é bom, que tudo é belo (*kî-tôb*). Até chegar à criação do ser humano. Ao deparar-se com

¹ Couto, A. *O livro do Génesis*. Letras e Coisas. Santa Maria da Feira. 2013

² *idem*

essa sua obra o autor do texto coloca Deus a expressão um «muito bom» (*tôb me'od*), um extraordinariamente belo. Com um pouco de arrojo, ousamos dizer que aqui começou Deus a enamorar-se pelo ser humano.

Ao criar o Homem, Deus fá-lo com o potencial de se fazer, com Deus, e de se tornar cada vez mais imagem e semelhança do seu criador. É paradoxal percebermos que a palavra criadora de Deus necessita da palavra responsável do homem. Que o amor criador de Deus precisa do amor responsável do homem. O encanto que vimos em Deus perante a sua criação, e sobretudo, perante a criação do Homem, tem em si o fio de toda a história: Aliança. No texto, esta Aliança pode ser visível naquele «façamos». Do imperativo «faça-se» há um salto para colaboração do «façamos». O Homem é criado como parceiro de Deus. E nesta parceria, a memória salta logo para Jesus a dizer: **«O meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho» (Jo 5, 17)**. E não há dúvida que Jesus trabalhou bem na Aliança com o Pai e na construção de uma criação mais fraterna.

Fraterna... Fraternidade.... São palavras boas para procurar neste primeiro relato, mas nele não se fala de irmãos. O que não nos deixa sem resposta para esta questão. O facto de nos ser apresentada uma humanidade que descende do mesmo pai é uma forma de nos levar a perceber que nos devíamos empenhar na criação de uma fraternidade universal.

Deus cria o Homem à sua imagem e semelhança. Assim, o Homem «tem o poder de continuar a obra da criação...e, pelos vistos, também da descrição...»³ É curioso perceber que até ao nível da linguagem este primeiro relato está marcado por uma linguagem positiva, criadora. Nas 452 palavras hebraicas que constituem o relato, não conseguimos encontrar um único não. À semelhança do nosso criador, também nós devíamos ser um Sim correspondente e responsável à criação. Mas... Não passarão muitas páginas até nos aparecer o ser humano com medos e a dar os seus não na história. Também nesta perspetiva, nos vem logo à cabeça a afirmação de Paulo, na segunda carta aos Coríntios, onde afirma que **«o Filho de Deus, o Cristo Jesus, ... não foi sim e não, mas unicamente sim» (2Cor 1, 19)**. Deus sempre criador. A humanidade com as suas «descrições».

SEGUNDO RELATO (GN 4, 4B- 3,24)

Ainda que de forma diferente, o segundo relato da criação que nos aparece na bíblia aponta-nos para esta graça do Deus criador. É uma perspetiva diferente e isso nota-se logo na vincada utilização do «não» ao começar o relato **(Gn 2, 4b- 5)**:

«No tempo em que Yahweh Deus fez a terra e o céu, não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, porque Yahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo»

³ Ventura F. *Roteiro de Leitura da Bíblia*. Editorial Presença. Lisboa. 2009

Neste relato, a criação do homem não ocupa o culminar da sua obra criadora, mas sim o lugar primeiro. Desde que o solo se empapou, houve a possibilidade de Deus moldar o ser humano como argila. O Adão (*adam* que vem de *adamah*= solo) é retirado do solo empapado de vida. E, sem querer fazer uma exegese do texto, é impossível não ficar perplexo com o ato seguinte de Deus. Deus beija o ser humano transmitindo-lhe o hálito de vida, fazendo assim do homem um ser vivente. Parece que também nesta versão do Princípio, a *ruah* de Deus está presente.

Se compararmos com o primeiro relato, no qual o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus, neste a intimidade parece ainda maior, na medida em que além de assemelhar-se a Deus, os seus rostos tocam-se. A vida que há em Deus é partilhada com o Homem. «É este beijo que, na Bíblia, distingue os homens dos animais». ⁴ Se, no relato anterior, falávamos do início do encanto de Deus por nós, aqui quase nos atrevemos a ver a Aliança selada com um beijo. Um beijo no qual a vida é partilhada. De facto, tanto num como noutro relato, o ser humano não se entende como criatura fora de Deus.

É-nos dito que Deus colocou o homem num jardim, um Jardim de Delícias. Neste jardim, o homem tem uma missão: cultiva-la e guardá-la. Se caminharmos pelas palavras do Pentateuco, sobretudo no Deuterónimo, não raras vezes nos

aparece a tradução desta missão, isto é, aquilo que o povo entendeu como sendo o pedido de Deus (**Dt 10, 12-13**):

«O que Yahweh teu Deus te pede? Apenas que temas a Yahweh teu Deus, andando nos seus caminhos, e o ames, servindo a Yahweh teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, e que observes os mandamentos de Yahweh e os estatutos que eu te ordeno hoje, para teu bem»

Se nos debruçássemos sobre o mandatado por Deus, neste segundo relato da criação, as ordens seriam (**Gn 2, 16-17**):

«Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer»

Mas nós...

Já nos debruçaremos sobre este «mas» mais adiante.

Ao contrário do primeiro relato, no qual Deus começa a sua obra criadora através do seu dizer, neste, Yahweh já tinha iniciado a sua obra quando o ouvimos pela primeira vez, para falar das ordens que lhe queria dar. De seguida, fala novamente. Quase como quem se apercebe que a ordem dada talvez seja um desafio demasiado exigente, Deus sai-se com um **«Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer um auxílio que lhe corresponda» (Gn 2, 18)**. Nasce aqui uma ousadia de pensar que o Deus criador que não esteve sozinho

⁴ Couto. A. *O livro do Génesis*. Letras e Coisas. Santa Maria da Feira. 2013

para fazer as suas criaturas, também não as sonha sozinhas. Ao nível da linguagem também há uma curiosidade que não nos passa ao lado. A palavra auxílio (*ezer*) aparece no masculino e não no feminino (*ezrah*). «Na verdade, a exegese moderna mostrou que o título 'auxílio' (*ezer*), que aparece no At por 21x (**Gn 2, 18.20; Ex 18, 4; Dt 33, 7.26. 29; Sl 20, 3; 33, 20; 70, 6; 89, 20; 115, 9. 10. 11; 121, 1. 2; 124, 8; 146, 5; Is 30, 5; Ez 12, 14; Os 13, 9; Dn 11, 34**), é, na maioria dos casos (exceptuadas as duas menções do Génesis), um título dado directa ou indirectamente a Deus, que é o verdadeiro 'auxílio' do homem.»⁵ Em todos os casos, trata-se de um auxílio que não é instrumental. É um auxílio pessoal e, em várias situações, indispensável por se tratarem de situações de vida ou morte. Neste versículo, a solidão é o perigo que ameaça o homem. Portanto não é bom que o homem esteja só. Tendo visto, pois, o uso do masculino, podemos concluir que, mesmo que neste caso o auxílio do homem seja a mulher, o sentido desta afirmação engloba uma reciprocidade, na medida em que encara que cada ser humano deve ser auxílio para outro ser humano. Se fosse para ser redutor ao ponto de apenas a mulher ser auxiliar do homem, o feminino (*exerah*) teria sido usado com certeza. Mas não foi. De realçar também que Deus ao sonhar um auxílio para o homem pensa em alguém que lhe corresponda. Isto é, alguém que possibilite uma relação com palavra.

E é bonito percebermos que a primeira vez que o homem fala, neste relato, é exatamente aquando da criação da mulher. «É significativo que tal suceda para o homem expressar o seu alvoroço de noivo, saudando extasiado a mulher-noiva com a expressão familiar «osso dos meus ossos e carne da minha carne», primeiro cântico de amor e ao amor que se encontra nas páginas da Bíblia». ⁶ Criados por Deus, não ficamos encerrados numa relação com ele. Deus não revela assim possessividade em relação à sua criatura, mas oferece-lhe um outro tu. Na aliança que Deus cria com cada um, está sempre em aberto uma relação com outro ser humano. Aliás, ao encontrar-se numa relação de reciprocidade, o ser humano deixa de ser o seu tudo (egocêntrico) e faz-se apto para nascer para tudo (excêntrico), mas sempre dentro da sua relação com Deus.

A Aliança que vemos espelhada nestes dois relatos ecoa pela história da humanidade. Até agora, fomos percebendo as finalidades da criação, o que Deus tem a dizer desde o princípio e como princípio, principalmente no que respeita às relações consigo e com o outro. Mas...

⁵ Couto. A. *O livro do Génesis*. Letras e Coisas. Santa Maria da Feira. 2013

⁶ Couto. A. *O livro do Génesis*. Letras e Coisas. Santa Maria da Feira. 2013



NÓS DIZEMOS

Mas...

Esta aliança, esta visão que Deus tem para o Homem, tão clara e tão posta a nu desde o início é posta em causa pelo ser humano, logo nas primeiras páginas. A nudez é-nos apresentada no final do segundo relato da criação. Nela não há nada de negativo. «Era uma nudez transparente e inocente, factual, não uma nudez sobrevinda.»⁷ Seguindo a linha da aliança que temos vindo a tecer, a nudez, como atrás foi descrita, é a consequência de uma aliança inteira e verdadeira de ambas as partes. Ao criar o Homem à sua imagem e semelhança, ao dar-lhe um beijo que lhe dá vida e o introduz da sua intimidade, atrevemo-nos a dizer que Deus espera da humanidade, a menina dos seus olhos pela qual se encantou

desde o início, nada mais do que a nudez de quem nada tem a esconder, a nudez de quem nada teme partilhar com o parceiro, quando dentro de uma relação de amor.

Mas, o ser humano, às vezes tão longe de querer ser humano como foi sonhado, ambiciona mais ser semelhante a Deus na parte de ser também ele um deus. É isso que nos é apresentado naquele ceder à tentação de comer a maçã dada pela serpente, quando Deus já o havia proibido antes. Fazendo de si próprio um ídolo ou criando ídolos à sua imagem e semelhança, o ser humano vai traindo a aliança que Deus estabeleceu com ele. A própria imagem da serpente aqui usada faz-nos lembrar a serpente de bronze que Moisés levantou no deserto (**Nm 21, 4-9**). Este foi um objeto de culto idólatrico

⁷ Couto, A. *O livro do Génesis*. Letras e Coisas. Santa Maria da Feira. 2013

durante a época monárquica, em Jerusalém, e que foi destruído durante o reinado de Ezequias **(2Rs 18, 4)**.

O desejo de tudo possuir e dominar, por parte do Homem, é o que o torna mais diferente de Deus, ainda que o ser humano o imagine muitas vezes como onipotente. O próprio Deus criou o Homem concedendo-lhe a dádiva da liberdade e da autonomia. Neste engano que faz sobre a imagem de Deus, imaginando-o todo poderoso a todos os níveis, o Homem afasta-se da imagem a que está chamado a ser semelhante. Se Deus nos cria livres e com autonomia isso mostra que não pode tudo, pois isso seria ir contra à obra que criou. O fruto desta liberdade concedida por Deus é como que transformado em furto pelo forte sentido de posse e poder do Homem.

A compreensão desta fraqueza por parte do Homem, ainda que não consigamos explicar a sua origem, leva-o a perceber a sua nudez de forma não positiva. Estar nu significa estar exposto, a descoberto. Estar nu é estar revelado inteiramente. Ora, se há algo que queremos esconder, estar desnudado é um obstáculo. Por isso, vemos o ser humano a querer esconder-se. **«Quando perceberam que estavam nus, entrelaçaram folhas de figueira e cingiram-se» (Gn 3, 7)**. Depois de ter ido contra a vontade de Deus, surge o castigo autoinfligido da separação. Não se trata de uma consequência que Deus procura dar ao Homem pela sua transgressão, mas uma autoconsciência do Homem de que o

desequilíbrio que provocou na relação não pode deixar nada como antes. «É esta autoconsciência de transgressão que não deixa a humanidade em paz. Mais do que o castigo de um Deus irado, estamos diante de uma manifestação clara de desequilíbrio pessoal. (...) Um desequilíbrio a três dimensões: de cada um deles consigo próprio, com o outro e em terceiro lugar com Deus.»⁸

Nesta aliança, há uma beleza que não podemos deixar nunca de ver que é a face sempre amorosa de Deus. Ainda que o Homem desrespeite o amor que lhe é dado, não vemos Deus a desistir dele. É sempre Deus que toma a iniciativa de ir procurar o Homem **(Gn 3, 8-9)**.

«Eles ouviram o passo de Yahweh Deus que passeava no jardim à brisa do dia e o homem e sua mulher esconderam-se da presença de Yahweh Deus entre as árvores do jardim. Yahweh Deus chamou o homem: Onde estas?».

Deus sai ao encontro. Deus procura iniciar o diálogo. O Homem é que nem sempre está. O Homem é que nem sempre cumpre a sua parte responsável e responsorial desta aliança. É interessante perceber que, umas quantas páginas mais à frente na escritura, o profeta se tenta aproximar de Deus não sendo rebelde, porque é o próprio Deus que, a cada manhã, lhe desperta os ouvidos **(Is 50, 5)**. É Deus quem toma sempre a dianteira nesta aliança dialogante.

⁸ Ventura F. *Roteiro de Leitura da Bíblia*. Editorial Presença. Lisboa. 2009

O Homem nem sempre responde. Mas as perguntas das primeiras páginas continuam a acompanhar a nossa história: **«onde estás?» (Gn 3, 9); «que fizeste do teu irmão?» (Gn 4, 10)**. Ser capaz de responder a estas perguntas com toda a verdade é sermos capazes de voltar àquela nudez primeira e relacional. Contudo, o ser humano ainda se esconde muito de ter uma relação assim com Deus. Ainda procura folhas de figueira para tapar as suas fraquezas. O mais bonito? É vermos que Deus não vira as costas à humanidade. Não rejeita a menina dos seus olhos, ainda que esta não suporte encarar aquilo em que se tornou. Deus veste provisoriamente o ser humano. **«Yahweh Deus fez para o homem e sua mulher túnicas de pele, e os vestiu» (Gn 3, 21)**. Veste provisoriamente. Porque a verdade é que esta não é a túnica que assenta melhor no sonho que Deus tem para a humanidade. Mas mais à frente voltaremos aqui. Graça. A resposta de Deus é sempre uma graça abundante. É sempre esta a atitude de Deus para com o Homem. Sempre. Ainda que este tente culpá-lo do que lhe acontece de mau **(«A mulher que tu puseste junto de mim deu-me da árvore e eu comi.»), Gn 3,12)**, Deus lembra-se sempre da aliança. Deus faz sempre presente a aliança que estabeleceu desde que começou a sonhar a sua criação.

A resposta relacional que damos não diz respeito apenas à nossa relação com Deus, mas também com as criaturas que nos são correspondentes, como já vimos anteriormente.

Neste território, o Homem também falha. Como se não bastasse ao Homem querer ser como Deus (ou mais) vemos que o desequilíbrio se propaga também para as relações com os seus pares, na medida em que facilmente se gera cobiça no meio dessas relações. Há quase que uma força que nos impele a pensar que aquilo que os outros têm nos é tirado a nós. E depois, quando Deus nos pergunta o que fizemos do nosso irmão, daquele que nos deu como companheiro, a resposta é **«Eu não sou responsável (*shomer*) pelo meu irmão» (Gn 4, 9)**. A expressão *shomer* significa «muito mais do que ser responsável por. Trata-se de um conceito que supõe uma relação efetiva e afetiva profunda entre dois seres; pelo menos uma relação afetiva da parte de alguém que cuida de outra não por obrigação mas por amor.»⁹ O que se passou para que numa relação de amor com aquele que foi criado para nos corresponder passe a existir o desejo de posse e violência? Como é que o outro se tornou uma “coisa” a possuir, um «meio» a utilizar para atingir determinados fins, ou um rival a eliminar? Ainda que não esteja marcada por este sentido de posse, a indiferença expressa no verso que vimos anteriormente também não edifica a relação responsável para a qual fomos criados. Não saber do irmão é uma forma de não responder ao outro e de não responder pelo outro.

Assim, a aliança que Deus faz com o Homem, a relação que vão construindo é sempre marcada por faltas cometidas pelo Homem. Faltas para com Deus, com os outros e

⁹ Ventura F. *Roteiro de Leitura da Bíblia*. Editorial Presença. Lisboa. 2009

sobretudo para com a finalidade para que fora criado. Muitas vezes, mais do que uma relação em que o Homem anda com Deus (tal como se diz de Noé **«um homem justo, íntegro entre os seus contemporâneos, e andava com Deus», Gn 6, 9**), o que vemos é um ser humano a ceder aos seus impulsos de querer tudo dominar e possuir, não no sentido do amor e da proteção, mas no da posse.

Se tudo fosse consequência direta do comportamento do Homem, não havia salvação possível já que as respostas que ia dando o levavam à ruína. A maldade habita o coração do Homem (**Gn 6, 5; 8, 21**). A violência enche toda a **terra (Gn 6, 11-13)**. A criação como Deus a sonhou, parece ter tomado outro rumo. Mas Deus...Deus não abandona a obra das suas mãos.

Parece que junto à palavra aliança temos de juntar a palavra esperança. Esperança essa mais firme em Deus. Deus não nos larga a mão, para nos salvar da «descriação» em que fomos caindo. Deus não desiste de salvar-nos, embora essa salvação não possa acontecer sem nós, sem nos implicar. Deus não descansa, isto é, Deus não se dá o dia 7, enquanto não nos levar consigo para o seu descanso, a terra prometida. Quando? Como? Parece que a resposta não partiu de nós, como de costume.





«ESTÁ FEITO.»

JESUS: O VERBO DITO E FEITO.

**«No princípio era o Verbo
E o Verbo estava com Deus
E o Verbo era Deus.
No princípio, ele estava com Deus.
Tudo foi feito por meio dele
E sem ele nada foi feito.
(...)
E o verbo se fez carne,
e habitou entre nós;
e nós vimos a sua glória,
glória que tem junto ao Pai
como Filho único,
cheio de graça e verdade.»
(Jo 1,1-4.14)**

Chegamos aos Evangelhos e percebemos que Deus não abandonou a aliança que tinha feito. Israel foi desenvolvendo a sua identidade como povo eleito. No seio deste povo, nasceu Jesus.

Jesus, com as suas esperanças bem enxertadas nas esperanças do seu povo, começa a anunciar a esperança que tinha e que ele próprio vai começando a realizar: a vinda do Reinado de Deus. Ora, A esperança israelita tinha vindo a dar sinais de evolução sendo cada vez mais projetada para a fidelidade de Deus e a sua maneira de agir na história: «a libertação do Egito, a terra prometida, a paz e a justiça plena para todo o povo, a confluência de todos os povos em Jerusalém (Is 2, 2ss; Miq 4, 1ss), o regresso do exílio (Is 43, 1ss; Bar 4, 36ss), a vinda do Reino de Deus, o aparecimento

de um Messias que instaure definitivamente este Reino.»¹⁰ Na vida de Jesus, podemos ver que as promessas ganharam carne, com algumas nuances face ao esperado até então. Jesus é o único mediador do cumprimento das promessas e corrige as falsas interpretações de que foi alvo a esperança do reinado de Deus. Uma das falsas interpretações que vemos Jesus a corrigir é a crença de que o reino de Deus é uma consequência do cumprimento da lei, não resultando da graça. Mas, ainda que não tivéssemos conhecimento algum sobre Jesus, poderíamos intuir que, se é de Deus, a graça teria de estar envolvida neste reino. O reinado de Deus, que se apresenta nos sinóticos como baluarte da ação e pregação de Jesus, está em tudo ligado com uma nova maneira de ser e estar no mundo. Entre as esperanças já cultivadas no seio do povo e esta nova maneira de estar no mundo que Jesus nos apresenta, é possível verificarmos alguns componentes na pregação de Jesus que nos apontam alguns elementos apocalípticos: o anúncio do reino de Deus e a sua vinda eminente; o juízo final e a necessidade de estar preparado para este; a figura do Filho do Homem como juiz de toda a criação; e as alusões a uma inversão radical das situações, derivado à chegada do reino (as Bem-aventuranças são disso o exemplo mais marcado).

Com Jesus, começa a ser-nos apresentada uma esperança num mundo novo, um mundo que cumpra o seu fim, a sua finalidade. Nele percebemos que o convite à

vigilância que nos é feito (e que ele experimentou na pele) não implica apenas uma preparação para o momento final. Através dele percebemos que, para cumprirmos a finalidade para que fomos feitos, o convite é o de vivermos, desde já, de acordo com as exigências do reino de Deus.

Jesus vai, com a sua vida, mostrando que o tempo do cumprimento do reinado de Deus vai muito além do caráter cronológico que tendemos a dar à vida. Por isso, o último momento não está preso no futuro. O reino de Deus não virá num momento adiante, mas já está, com a sua justiça, a atuar na história, embora ainda à espera de consumação. Esse caráter definitivo e completo apenas nos foi revelado numa pessoa: Jesus Cristo. Contudo, continua à espera de se realizar plenamente em toda a humanidade. Em Jesus, a aliança com Deus não sofreu nenhuma rutura. Deus é sempre fiel a esta aliança. E também o é Jesus. Com ele, podemos aprender a, de modo inteiro e verdadeiro, ser fiéis a esta aliança, a esta esperança.

Para participarmos nesta esperança com Jesus, é necessário que se faça como ele. Esta é uma esperança que implica arregaçar as mangas e meter mãos à obra. Se precisamos de nos fazer como Deus sonhou, se temos a esperança dessa realização vivendo ao jeito do reino de Deus, então precisamos de fazer mais do que calcular quando virá o reino. É necessário estarmos «vigilantes para descobrirmos e aceitarmos a presença operativa do Reino de Deus e da sua

¹⁰ Diez. F. *Crer em Jesus Cristo - Viver como Cristão*. Gráfica de Coimbra. 2007

Justiça no meio de nós, para nos mantermos firmes na opção pelos valores absolutos do Reino, para não permitirmos que a nossa existência decorra à margem das exigências do Reino, à margem do seguimento de Jesus.»¹¹

Um mundo novo é anunciado e posto em marcha com Jesus. Se em Jesus não foi preciso haver um fim do mundo para se começar um mundo (de) novo, então não precisamos ficar à espera de algo que venha aniquilar tudo o que conhecemos. Há uma transformação a acontecer no mundo. Uma conversão do mundo àquilo para o qual foi sonhando. Deus salva o mundo. E começou a fazê-lo, com sucesso da parte da humanidade, em Jesus. A humanidade... foi com ela que a bondade original se corrompeu. Mas sem ela nada feito. Por isso, a humanidade de Jesus é tão necessária para esta salvação. A humanidade é, de facto, o lugar no qual o reino de Deus atua e onde a sua justiça é progressivamente instaurada, até que, plenamente salvos, Deus possa ser tudo em todos.

«Vi, então, um céu novo e uma nova terra- pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe. Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para o seu marido» (Ap 21, 1-2)

Chegados ao último livro da bíblia, parece que nos é apresentado o fim tão esperado. Para sermos corretos, não se

trata propriamente de uma apresentação, mas de uma concretização. O nosso Deus, que sonhou e criou o mundo, não abandonou a obra das suas mãos até poder ver plenificada a sua vocação.

Desde o começo que temos vindo a seguir o fio da aliança entre Deus e os homens. Não deixa de ser interessante perceber que o último livro colocado na bíblia tem por nome Apocalipse, que quer dizer revelação, tirar o véu. Faz-nos logo lembrar de que, logo no início, vimos o ser humano cobrir-se. Agora aparece-nos o retirar do véu. Parece que, finalmente, a humanidade está pronta para ser desposada e voltar a pôr-se a nu, sem medos.

Depois de tudo o que Deus disse... Depois de todas as coisas que fomos capazes de desdizer, dentro da aliança... Eis que o próprio Deus vem fazer novas todas as coisas. Acaba-se o mal. O bem venceu. Se tudo é renovado, tudo é belo. Ainda que possamos ver alguns vestígios do feito e do mau que o Homem introduziu no poema criador de Deus, estes já não têm lugar na nova criação.

Esta criação do novo céu e nova terra (**Ap 21, 1**) é o cumprimento do sonho de Deus segundo os profetas: “Com efeito, criarei novos céus e nova terra; as coisas de outrora não serão lembradas, nem tornarão a vir ao coração” (**Is 65, 17**). A profecia dá lugar à realização. Promessa dita, promessa feita. Dita em forma de Verbo, feita nele mesmo conjugado com todas as vontades do Pai.

¹¹ Diez. F. *Crer em Jesus Cristo- Viver como Cristão*. Gráfica de Coimbra. 2007

A palavra de Deus realiza o que diz. «Deus é, pois, o garante de tudo quanto se afirma. Quando diz **“Está feito!” (Ap 21, 6)**, realiza o que diz. Por isso mesmo, Ele é o Alfa e o Ómega **(Ap 1, 8)**.»¹² No entanto, não podemos esquecer o que nos dizia João no evangelho, sobre o Verbo **(Jo 1, 2-3)**: **«No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito.»** Por isso, também Jesus aparece várias vezes como o Alfa e o Ómega, neste livro **(Ap 1, 17; 2, 8; 22, 13)**. É nele, na sua pessoa concreta, que se inaugura o novo. Tudo é novo em Cristo.

É interessante pensarmos nesta ideia da necessidade do concreto. Até porque não é difícil olharmos para a esperança do reinado de Deus como uma utopia. A verdade é que precisamos do concreto. E também o texto nos mostra isso. É um texto que nos fala de um tempo de esperança em narrativa de sonho, com uma cidade celeste, morada santa, uma felicidade quase total. É uma sinfonia de beleza mas sem a pretensão de excluir as notas dissonantes do pecado e do sofrimento (tão reais).

No seguimento deste pensamento, vamos lançar um olhar sobre a presença da cidade de Jerusalém. Fazendo o paralelismo com o primeiro relato da criação, esta cidade em nada se assemelha ao jardim do Eden. Contudo, não podemos ignorar que Jerusalém está no centro da história da salvação bíblica, já que tudo o que é salvação bíblica se relaciona com homens e mulheres que habitam um espaço e tempo. Da

Jerusalém de David, Salomão e capital do reinado do sul, pré e pós exílio, Jerusalém transforma-se na Jerusalém messiânica **(Zc 8, 7-8)**: **«Assim disse Yahweh dos Exércitos. Eis que salvo o meu povo da terra do Levante ao Poente. Eu os trarei de volta para que habitem no seio de Jerusalém. Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus em fidelidade e em justiça.»** No Apocalipse, a capital do povo eleito transforma-se «em símbolo da cidade da própria humanidade totalmente nova e santa, noiva do Cordeiro.»¹³ Já não é apenas um lugar geográfico, mas o lugar onde a noiva poderá descansar junto de Deus e do Cordeiro. O lugar onde a amada pode dizer inteiramente e em verdade **«o meu amado é meu e eu sou dele» (Ct 2, 16)**. A primeira parte sempre foi verdade, mas foi necessário percorrer um longo caminho até que a noiva se entregasse inteira. Agora, já não há mais espaço para morte, luto, clamor e dor. Nesta aliança plenificada, o noivo encarrega-se, ele mesmo, de limpar as lágrimas dos olhos da noiva.

Neste matrimónio, tal como nos apresenta o apocalipse, Deus concede duas bênçãos de grande importância: dará de beber da fonte da água viva a quem tiver sede **(Ap 21, 6)**; dará a pertença familiar ao vencedor, fazendo dele um filho seu **(Ap 21, 7)**. A referência à água traz-nos logo à memória a promessa divina da qual nos falou Isaías: **«Ah! Todos os que tendes sede, vinde à água, vós os que não tendes**

¹² Neves, C. *A Bíblia- O livro dos livros II*. Editorial Franciscana. Braga. 2007

¹³ Neves, C. *A Bíblia- O livro dos livros II*. Editorial Franciscana. Braga. 2007

dinheiro, vinde, comprai e comei; comprai, sem dinheiro e sem pagar, vinho e leite» (Is 55, 1). Deus dá o descanso pleno aos que dele necessitam e nele confiam. Também a passagem da Samaritana, no evangelho de João, não nos fica indiferente: **«Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva» (Jo 4, 10).** De facto, podemos intuir que o maior dom que Deus dá à humanidade é o seu próprio filho, como noivo. Com o filho, a noiva consegue vencer todos os obstáculos (medos, idolatrias, pobreza...) e entrar plenamente na familiaridade de Deus. É uma relação que se estreita. Desde a eleição do povo (**«Sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus» Jr 30, 22**), até ao chamamento como filhos, assumidos na família, por graça do noivo (**«Serei para vós um pai e sereis para mim filhos e filhas» 2Cor 6, 17**).

O Filho, o Cordeiro. Esta é a figura central do livro do apocalipse. Nele, que já estava no começo, se cumpre o fim, a finalidade da nossa vocação. A aliança entre Deus e os homens só se entende em Cristo. Agora, já não há templo (Ap 21, 22), porque já não há necessidade de mediações entre Deus e a humanidade. O lugar do encontro é o Cordeiro. A luz necessária é o Cordeiro. É o Senhor que brilha sobre todas as nações.

«Tudo gira à volta da nova realidade da pessoa de Jesus Cristo, chamado **‘Filho do Homem’ (Ap 1, 13)**, **‘cordeiro que**

está de pé, mas que foi imolado’ (Ap 5, 6), **‘cavaleiro vitorioso’ (Ap 6, 1-2; 19, 11)**.»¹⁴ O noivo, que sempre esteve pronto, consegue, nele, aprontar-nos para as núpcias. Deus, que tinha vestido a humanidade, provisoriamente, dá-lhe umas vestes novas, branqueadas no sangue do Cordeiro (**Ap 7, 14**). Toda a criação se rende a Cristo. O próprio Deus se mostra maravilhado perante ele: **«Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu encanto.» (Mt 3, 13).**

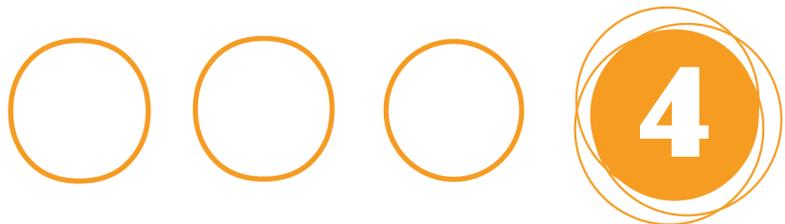
Se percorrermos o livro do Apocalipse, vamos percebendo que «o autor transforma a sua mensagem apocalítica, aqui e além, em liturgia e louvor permanente ao Senhor Jesus Cristo, morto e ressuscitado.»¹⁵ E é isto que transportamos para cada celebração da eucaristia. «Jesus é o cordeiro pascal e o casamento do cordeiro tem a ver com o banquete eucarístico»¹⁶. Por isso dizemos e nos consideramos **«Felizes os convidados para o banquete das núpcias do cordeiro!» (Ap 19, 9)**. Servir a Deus com «todo o coração e com toda a alma» passa, agora, por louvar o seu filho e viver de maneira agradecida e verdadeira na aliança que, nele, nos une ao Pai.

Já estamos salvos! Só nos falta aprender a viver como tal, todos os dias da nossa vida.

¹⁴ Neves. C. *Ler a Bíblia no século XXI*. Editorial Presença. Lisboa. 2016

¹⁵ *idem*

¹⁶ Neves. C. *O que é a Bíblia*. Casa das Letras. Alfragide. 2008



NÓS REZAMOS

Ao longo da história, a palavra de Deus foi sempre criadora e edificante. A nossa palavra foi várias vezes destruidora, sobretudo de relações com Deus e com os outros. Por isso, enquanto vivemos neste “já, mas ainda não” de uma finalidade da criação em processo de se cumprir totalmente, vamos treinando e usando a oração como âncora. Porque quando não houver mais línguas, e o Pentecostes estiver cumprido, quando Deus for tudo em todos, o que for dito será entendido por todos. Então, nada dará mais que falar do que as maravilhas do nosso Deus.

Até lá, vamos treinando, uns com os outros- os nossos correspondentes e auxiliares de todos os tempos, esse louvor...

SALMO 104

«Ó minha vida, diz bem do teu Senhor!

Senhor, meu Deus, como Tu és grande,
todo esplendor e maravilha!
Revestido de luz como dum manto
estendes os céus como quem arma uma tenda
e constróis em cima das águas o lugar em que habitas.
Fazes com as nuvens um carro para ti
e quando caminhas é sobre as asas do vento.
Chamaste os ventos de todas as direções
para fazeres deles os teus mensageiros
e nomeaste as línguas de fogo como teus representantes.
Deste alicerces fortes à terra,
e bases em que pudesse manter-se inabalável para sempre.

Depois cobriste-a com o abismo dos oceanos,
como se lhe estendesses um manto,
e houve água também no cimo das montanhas.

Mas, ao teu sinal, elas põem-se a correr,
e escorrem para os vales e rodeiam colinas
até chegarem ao lugar para onde as convocaste.
Puseste às águas um limite que elas não devem transpor,
para que não voltem a cobrir a terra.
Pelos vales fazes brotar fontes de água,
e elas correm livres pelo meio das montanhas
para darem de beber a todos os animais que andam pelo
campo,
nossos amigos ou selvagens.
Junto a essas fontes também as aves do céu vêm abrigar-se,
e oferecem de volta o seu canto por entre as ramadas.

De lá de cima, do lugar em que habitas, regas os montes,
e a terra fica saciada com o fruto das tuas ações.
Fazes despontar erva fresca para os rebanhos
e plantas muito úteis para as pessoas.
Da terra podemos tirar o pão que nos fortalece
e o vinho que nos alegra o coração.
E também o óleo da unção que faz o nosso rosto brilhar.

As árvores do Senhor também andam contentes e fartas.
Até os imensos cedros do Líbano,
que o Senhor plantou com a sua mão.
Os pássaros andam por lá a fazer ninho

e no alto dos mais altos fez a cegonha a sua casa.
Os montes mais cimeiros ficam para as cabras
e para outros animais que se sentem seguros
entre rochedos e refúgios nas rochas.

E o Senhor pôs a lua, depois do descanso do sol,
para que os tempos estejam marcados.
Quando tu, Senhor, puxas a noite, vem o escuro,
para que uns possam dormir e outros possam sair.
Os animais selvagens rondam a noite,
e os leões ainda pequenos aprendem a rugir à procura de
alimento.
É assim que também eles pedem a Deus o seu sustento.

Quando nasce o sol, retiram-se eles
e vão meter-se nas suas tocas e covis.
Então, sai o Homem para a sua faina,
para a tarefa da vida que lhe dura até à tarde.

São tantas as coisas que Tu fazes, Senhor!
E tudo com tanta sabedoria!
A terra está cheia das tuas criaturas!

Eis o mar, enorme, com braços imensos;
não é possível contar todos os animais que se movem por lá,
pequenos e grandes.
Nele circulam ainda barcos com pessoas,
de um lado para outro,
e também o Leviatan, que tu criaste para brincaremos com ele.

Todos esperam de ti!
Todos se fixam na tua mão,
que a seu tempo lhes dê o que comer.
E tu dás. E eles recebem.
Tu abres a Tua mão e todos ficam saciados de coisas boas.
Se Tu te escondes ou tapas o Teu rosto,
todos ficam assustados e perdidos.
Se Tu deixas de estar voltado para eles,
todos perdem o fôlego e voltam ao pó.
Tu sopras para eles e eles são criados de novo,
e assim renovas a face da terra.

A lealdade do Senhor é para sempre!
Que o Senhor se alegre com as suas obras!

Ele olha para a terra, e a terra até treme!
Ele toca só nas montanhas, e elas logo fumegam.

Eu vou cantar para o Senhor enquanto viver,
hei-de louvar o meu Deus enquanto existir!
Que o meu poema lhe dê gosto e Ele goste.
Quanto a mim: o Senhor é a minha alegria.

Que o pecado desapareça da face da terra.
Que a impiedade não exista mais.

Ó minha vida, diz bem do teu Senhor!»